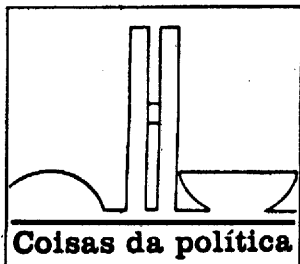


A estréia de Sarney na campanha

Teresa Cardoso 14 ABR 1986

AO aparecer hoje na televisão, para uma prestação de contas à população brasileira sobre os resultados do seu plano de inflação zero, o presidente José Sarney vai ter dificuldades para conter o orgulho que isso significa, mas não conseguirá fugir de uma preocupação. No auge da popularidade que Figueiredo perdeu no início do governo e que Geisel sequer chegou a conseguir, o presidente Sarney está preocupado em manter seu prestígio em curva ascendente até as eleições de novembro.



Não vai ser nada fácil se ele perder esse grau de adesão da sociedade às vésperas das eleições para a Assembléia Constituinte e é por isso que o presidente já se previne para esse desfecho com um cronograma político de engenharia tão irretocável quanto a do programa econômico com que ele surpreendeu a nação há 45 dias. O pronunciamento de hoje, portanto, terá um amplo significado político e pode perfeitamente ser interpretado como a estréia do presidente Sarney na campanha eleitoral deste ano.

Não é à toa que esse pronunciamento será seguido de uma movimentada seqüência de viagens estrategicamente programadas para que o presidente tente arrumar a Aliança Democrática nos estados. Como era de se esperar, essas viagens incluem São Paulo, com o PMDB em crise e o PFL perdido; Minas Gerais, com o governador e suas dificuldades para encontrar um candidato de consenso; Rio de Janeiro, onde a Aliança Democrática não existe mesmo; Espírito Santo, com o governador Gerson Camata sem o menor interesse em alianças; e, *last but not least*, o Nordeste.

A viagem a essa região — a jóia mais cara dessa coroa em que se apóia o governo Sarney — será também a mais extenuante. Em dois dias, Sarney pretende visitar Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, dormir em Teresina (PI) e seguir para Rondônia e Acre. A fadiga prometida por essa *tournee* pode ser medida pelos conselhos que chegam ao gabinete do presidente para que ele adie a maratona para quando voltar de Portugal, no dia 9 de maio. E realmente é possível que Sarney ouça esses conselhos, porque o que lhe interessa é marcar sua presença nesses estados até o dia 15 de maio — a data fatal para quem quiser mudar de partido ou desincompatibilizar-se para disputar as eleições, ou seja, a data-limite para os arranjos políticos que definirão esse pleito.

Mas ninguém pense que a presença do presidente nesses estados vai resultar numa rumorosa série de articulações políticas em favor dos candidatos de sua preferência. É perigoso esperar também que Sarney se entregue nessa viagem a trabalhar pelo sucesso do PMDB, partido no qual foi ironicamente alçado ao posto de presidente de honra. Corre menos risco quem apostar que o presidente vai liberar uma campanha que já ganhou até uma legenda ilusória nos *gossips* que circulam entre os altos funcionários palacianos.

Essa legenda é o PS, abreviatura de "Partido do Sarney" e tem uma explicação: ao contrário do ex-presidente Figueiredo que, em 1982, saiu pelos estados subindo em palanques para pedir votos para candidatos do PDS, alguns dos quais ele mal conhecia, Sarney vai trabalhar pelos seus candidatos. E ele os tem em cada estado, para sorte destes, pois como professa seu ex-adversário político, Epitácio Cafeteira, ganha essa eleição quem tiver o apoio do presidente.

É arriscado também esperar que Sarney atue abertamente em favor dos seus candidatos, presidindo negociações estaduais impossíveis. Ele agirá com charme, como tem demonstrado sempre que se movimenta politicamente por trás de um sorriso ou de um semblante carregado, mas isso será o bastante para mover algumas montanhas políticas, pois nesse ramo contam mais as mensagens cifradas. A questão é saber por que o presidente, que invoca frequentemente a liturgia do cargo para manter-se distante das disputas políticas, entrará nessa arena de leões.

Não é difícil descobrir. Primeiro, Sarney sabe e não falta interlocutor para insistir nisso, que esse ano eleitoral é seu. Segundo, ele ainda tem três anos de governo pela frente e precisará de partidos que ofereçam apoio aos seus projetos. Político experiente, Sarney sabe também que esse formidável índice de adesão da sociedade não é para sempre. No horizonte político, já ensinava Tancredo Neves, as nuvens se movimentam num piscar de olhos, portanto não é seguro achar que essa nuvem cor-de-rosa da popularidade vai durar até 1989.

Bom mesmo será fazer essa nuvem manter-se intacta até novembro e, a partir daí, entregar aos constituintes eleitos pelo PMDB e PFL a função de conservá-la no horizonte. Até novembro, Sarney já tem seu cronograma acionado. Além da movimentação pelos estados, ele tenciona fazer do seu programa de reforma econômica uma caixa de surpresas capaz de manter a população fascinada por muito tempo. Vêm aí lançamentos na política habitacional, financeira, de abastecimento e industrial. E Sarney não vai parar de mexer no perfil institucional do país até que a Constituinte se instale.

Teresa Cardoso é repórter de política da sucursal do JORNAL DO BRASIL em Brasília